

# **O ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DE ALAGOAS (ALEAL) NO CONTEXTO DOS ATLAS REGIONAIS DO NORDESTE DO BRASIL: OBJETIVOS, METODOLOGIA E DADOS GERAIS**

## ***THE LINGUISTIC ATLAS OF THE STATE OF ALAGOAS (ALEAL) IN THE CONTEXT OF THE REGIONAL ATLAS OF NORTHEASTERN BRAZIL: OBJECTIVES, METHODOLOGY AND GENERAL DATA***

**Vanderci de Andrade Aguilera**  
UEL/CNPq

**Maranúbia Barbosa-Doiron**  
UEL/ UNICENTRO

**Resumo:** O artigo visa a apresentar o Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), fruto da tese de doutorado de Barbosa-Doiron (2017). Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística (DAUZAT, 1922) e da Dialetoologia Pluridimensional (THUN, 1998), Barbosa-Doiron incumbiu-se, por meio de um atlas linguístico, de atestar que o Estado de Alagoas está inserido, de fato, no subfalar nordestino, conforme a clássica divisão dialetal de Nascentes (1953). Neste artigo discutem-se a metodologia adotada e alguns aspectos linguísticos da fala alagoana.

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL); Aspectos linguísticos; Subfalar nordestino.

**Abstract:** *The article aims to present the Linguistic Atlas of the State of Alagoas (ALEAL), the result of the doctoral thesis of Barbosa-Doiron (2017), under the direction of the Professors Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) and Elisabetta Carpitelli (UGA, France). Based on the theoretical-methodological propositions of Geolinguistics (DAUZAT, 1922) and Pluridimensional Dialectology (THUN, 1998), Barbosa-Doiron took charge, through a linguistic atlas, to certify that the State of Alagoas is, in fact, inserted in the Northeastern subdialect, according to the classic dialect division of Nascentes (1953). This article discusses the methodology adopted and some linguistic aspects of Alagoas speech..*

**Key-words:** *Linguistic Atlas of the State of Alagoas (ALEAL); Linguistic aspects; Northeastern subdialect.*

## APRESENTAÇÃO

A Região Nordeste do Brasil é pioneira na concepção e elaboração de atlas linguísticos. O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963) inaugura a implantação da Geolinguística no Brasil, motivando, na sequência, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al, 1987) que se desenvolveu na década de 1970 pela mesma equipe do APFB. Outro atlas nordestino, o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES), publicado em dois volumes no ano de 1984, vem se somar aos anteriores. Dessa forma, ao se encerrar o século XX, apenas três dos nove estados da Região Nordeste estavam recobertos pela pesquisa geolinguística.

Atualmente, exceto o estado do Piauí, os demais estados já possuem estudos geolinguísticos bem avançados nessa região. O Ceará (BESSA, 2010) e Pernambuco (SÁ, 2013) têm seus atlas: o primeiro concebido no final da década de 1980 e o segundo apresentado como tese de doutorado. O Atlas Linguístico do Maranhão - ALIMA (RAMOS, em andamento) está em adiantada fase de construção e o do Litoral Potiguar constituiu a tese de doutorado defendida por Pereira em 2007. Neste cenário situa-se o Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), elaborado como tese defendida por Barbosa-Doiron em 2017, cujos dados são objeto para as reflexões deste artigo.

Com base no ALEAL, este trabalho tem a seguinte estrutura, além da Apresentação e das Considerações finais: (i) gênese do ALEAL e procedimentos teórico-metodológicos adotados; (ii) análise de alguns fenômenos fonéticos específicos da fala alagoana e/ou nordestina; (iii) discussão de aspectos lexicais do referido atlas; (iv) reflexões sobre aspectos morfossintáticos e (v) análise de questões metalinguísticas.

## ALEAL—GÊNESE E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Quando, em 1953, o linguista Antenor Nascentes apresentou à comunidade científica a clássica divisão dialetal do Brasil em dois grandes falares: os do Norte, subdivididos em três subfalares: amazônico, nordestino e baiano; e os do Sul: fluminense, mineiro e sulista, abriu-se uma larga via por onde passariam estudos dialetológicos e geolinguísticos de grande envergadura. De natureza visionária, a divisão dialetal do filólogo, etimólogo, dialetólogo e lexicógrafo brasileiro instigou toda uma geração de pesquisadores advindos de universidades brasileiras, e continua a fomentar trabalhos na área da Dialectologia e Geolinguística.

Um dos mais recentes trabalhos de pesquisa nesse domínio diz respeito ao Estado de Alagoas, uma das nove unidades da Federação que compõem o Nordeste do Brasil, e que não dispunha, até 2017, de um atlas linguístico. O Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), fruto da tese de doutorado defendida por Barbosa-Doiron (2017), em cotutela entre a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Université Grenoble Alpes (UGA, França) e com financiamento da CAPES, vem para agregar mais dados e ampliar as discussões acerca da diversidade dialetal brasileira.

Em se considerando a proposta de divisão dialetal de Nascentes, Alagoas, o segundo menor Estado em superfície geográfica do Brasil, com cerca de 27 mil quilômetros quadrados, insere-se

no subfalar nordestino. Em sua tese, Barbosa-Doiron (2017), com base dos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística (DAUZAT, 1922) e da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998; THUN e ELIZAINCÍN, 2000), incumbiu-se, por meio de um atlas linguístico, de atestar ou contestar a premissa de Nascentes. O ALEAL, para tanto, documentou e descreveu a realidade linguística de falantes da zona urbana do referido Estado, em seu espaço areal, considerando, prioritariamente, as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos, mas sem desprezar a influência das variáveis sociais que possam influir na manutenção, variação ou mudança linguística no espaço analisado.

O ALEAL comporta dois volumes: no primeiro, uma apresentação do perfil do Estado de Alagoas, dados históricos, econômicos e socioculturais; a rede de pontos, com breve histórico de cada uma das localidades, o perfil dos informantes, a metodologia aplicada e os fundamentos teóricos da Dialectologia Pluridimensional. O Volume 1 traz, também, uma análise motivacional de algumas designações lexicais registradas pelos informantes, com o objetivo de chegar à motivação que lhes deu origem, posto que, em seus objetivos específicos, o ALEAL se propunha ao empreendimento desse estudo.

Do Volume 2, constam 88 cartas linguísticas distribuídas entre fonéticas, lexicais e morfossintáticas. Em toda a base de dados coletada, entre os fatos linguísticos registrados, verifica-se que vários deles, mesmo que decorrido mais de meio século, ratificam a divisão dialetal de Nascentes, especialmente no que tange à distribuição das vogais médias pretônicas abertas.

Após a defesa da tese, Barbosa-Doiron produziu mais 52 cartas linguísticas, assim distribuídas: 37 cartas do QSL, nove do QMS e cinco do QFF. As novas cartas, somando-se às 88 primeiras que constam do segundo volume da obra, perfazem um total de 140.

A exemplo de atlas linguísticos contemporâneos da chamada 2ª geração, o ALEAL sustenta-se nos fundamentos teóricos e metodológicos da Geolinguística (DAUZAT, 1922) e da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998), por investigar *in situ* a realidade linguística de toda uma comunidade em seu espaço areal (diatópico) e, também, por acrescentar parâmetros da Sociolinguística com vistas a apurar as semelhanças e diferenças diassexuais, diageracionais e diastráticas na fala de informantes naturais de localidades do Estado de Alagoas.

A rede de pontos seguiu as orientações de Nascentes (1958), com 21 localidades visitadas por Barbosa-Doiron. Os informantes, em número de dois por localidade, um homem e uma mulher, na faixa dos 30 a 50 anos, declararam ter nível de escolaridade fundamental, completa ou incompleta. Para verificar a influência da variável faixa etária □ dimensão diageracional □ em sete cidades, dentre as mais antigas do Estado, foram entrevistados quatro informantes distribuídos entre 55 e 75 anos, também com o mesmo nível de instrução formal.

Para a coleta dos dados, foram utilizadas quatro modalidades de Questionários inspirados nos instrumentos elaborados para o Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001), aos quais foram acrescentadas algumas questões formuladas por Barbosa-Doiron, no intuito de buscar subsídios que pudessem, eventualmente, revelar maiores especificidades de Alagoas, no que se refere, por exemplo, às atividades econômicas do estado. A Tabela 1 mostra a somatória das

questões do ALEAL distribuídas por nível linguístico.

Tabela 1- Distribuição das questões pelo QFF, QSL, QMS e Perguntas metalinguísticas do ALEAL.

Natureza	Sigla	Nº de questões
Questionário Fonético-Fonológico	QFF	90
Questionário Semântico-Lexical	QSL	199
Questionário Morfossintático	QMS	33
Questões Metalinguísticas	QML	6
Total de questões		328

Fonte: Dados da tese de Barbosa-Doiron (2017).

Para a construção do ALEAL, foi necessário criar uma carta-base para ali dispor a rede de pontos e distribuir as variantes coletadas. Na carta-base, ou fundo de carta (cujo mapa original é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE), os dados estão assim representados:

**I** *Informante Masculino* – corresponde a um *círculo*, inscrito sempre à esquerda da linha vertical. O informante do sexo masculino, de 30 a 50 anos (Masculino Geração I) abrevia-se como sendo MGI; e os de 55 a 75 anos: MGII.

**P** *Informante Feminina* – corresponde a um *triângulo* e afigura-se à direita da linha vertical. Informantes do sexo feminino, de 30 a 50 anos (Feminino Geração I): FGI; e as com idades entre 55 e 75 anos (Mulher Geração II): FGII.

Nos sete pontos onde foram entrevistados quatro informantes das duas faixas etárias, a representação se faz por meio de um diagrama em formato de cruz: na parte horizontal superior esquerda encontra-se o MGI = círculo; e na parte horizontal superior direita, a FGI = triângulo; na parte horizontal inferior esquerda está representada a figura do MGII, e na parte horizontal inferior direita, a FGII. Nos 14 pontos onde são dois os informantes da Geração I, a representação cartográfica é feita por uma barra vertical: do lado esquerdo está o homem, e do lado direito, a mulher.

Nas questões em que os informantes registraram mais de uma ocorrência, a primeira resposta fornecida aparece, na carta, sempre da esquerda para a direita. Outras respostas se seguem à primeira, tantas quantas tenham sido registradas.

Foram utilizadas cinco cores para representar as respostas dos informantes: o vermelho indica a realização mais produtiva. As demais respostas vêm em ordem de frequência, sempre a partir da variante que recebeu mais registros, até as que foram menos mencionadas. A cor violeta, na maior parte das vezes, indica o registro de uma única resposta, ou um apanhado geral das que obtiveram poucas menções. Na legenda da carta, essa ocorrência está registrada como “*outros*”, devendo o leitor remeter-se às “Notas”.

**lp** - resposta mais produtiva

**lp** - segunda resposta mais produtiva

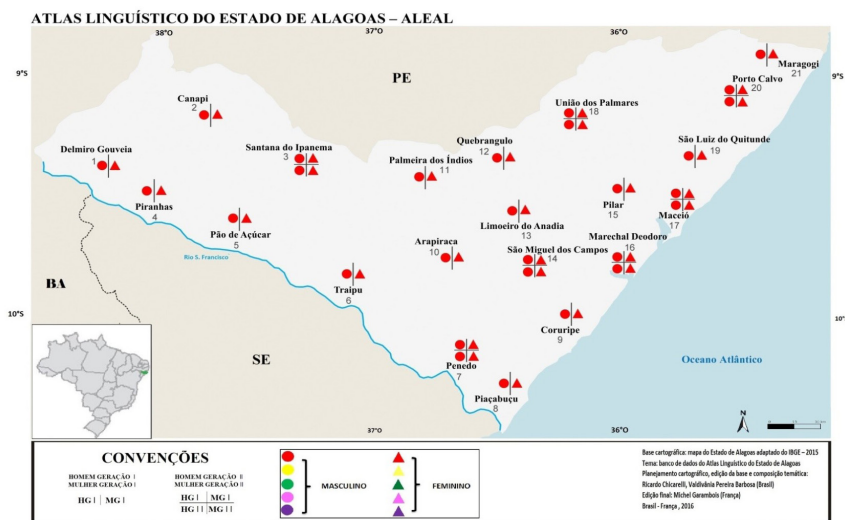
**lp** - terceira resposta mais produtiva

- lp- quarta resposta mais produtiva
- lp- quinta resposta mais produtiva

No verso de cada carta, apresenta-se a pergunta do Questionário que deu origem às variantes e incluem-se partes de relatos, quando pertinentes. Na *Carta Convenções*, Figura 1, tem-se a Cartabase do ALEAL que permite uma visão geral da distribuição da rede de pontos e de informantes.

## ASPECTOS FONÉTICOS SELECIONADOS DO ALEAL

Figura 1: Carta das Convenções aplicadas na elaboração do ALEAL.



Fonte: Dados da tese de Barbosa-Doiron (2017).

Com o intuito de apontar os fenômenos linguísticos que embasaram a principal hipótese da pesquisa – a pertinência da divisão dialetal de Nascentes (1953) – foram extraídos os dados obtidos mediante o Questionário Fonético-Fonológico, focalizando as perguntas referentes às *vogais médias anteriores e posteriores em posição pretônica*. Os resultados apurados pelo ALEAL serviram de comparação com os registrados nas cartas do ALiB (CARDOSO et al. 2014) e nas do Atlas Lingüístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013).

Dentre as 39 cartas fonéticas do ALEAL, destacam-se para este estudo a Carta Linguística 10 - QFF 021 (Fervendo), com o propósito de verificar o comportamento do /e/ pretônico; e a Carta 29 (QFF 069, Coração), sobre as realizações do /o/ pretônico. Com a mesma finalidade, expõe-se o uso das pretônicas anteriores em outros itens lexicais, como *televisão* e *terreno*.

No ALEAL, de acordo com a carta 10, as *vogais médias pretônicas abertas anteriores* predominam na fala dos informantes. O Quadro 1 mostra, em números absolutos, a realização de ambas as variantes nos itens lexicais *televisão*, *fervendo* e *terreno*, lembrando que o universo dos informantes constitui-se de 56 falantes, isto é, 28 distribuídos por 14 localidades em cada uma das quais foram inquiridas duas

peças da Faixa I, naturais do local, e 28 nas cidades mais antigas (quatro por localidade, em duas Faixas etárias). É conveniente esclarecer que o total menor que 56 indica ausência de resposta ou resposta que não traz o mesmo contexto buscado, isto é, a vogal média em posição pretônica.

Quadro 1: Realização das vogais médias pretônicas em *televisão*, *ferendo* e *terreno*.

Questões	QFF 002		QFF 021		QSL 194
Itens lexicais	t(e)l(e)visão	t(e)l(e)visão	f(e)rvendo		t(e)rreno
	[E]	[e]	[E]	[e]	[E]
	t[E]l[E]visão	t[e]l[e]visão	f[E]rvendo	f[e]rvendo	t[E]rreno
Nº de respostas	30	16	48	7	52
	t[E]l[e]visão				
Nº de respostas	8	-	-	-	-
Subtotal	38	16	48	7	52
Total	54		55		52

Fonte: Banco de dados constituído por Barbosa-Doiron (2017).

Para o item lexical *televisão*, registra-se o total de 38 realizações da vogal média pretônica aberta, das quais 30 delas trazem a abertura em ambas as vogais pretônicas; oito em que a abertura ocorre apenas na vogal da sílaba inicial e 16 em que ambas as vogais são fechadas com a seguinte distribuição espacial: (i) a vogal aberta ocorre em toda a rede de pontos, exceto no Ponto 8 – Piaçabuçu; (ii) é exclusiva nos pontos 2 (Canapi); 3 (Santana do Ipanema); 5 (Pão de Açúcar); 9 (Coruripe); 10 (Arapiraca); 11 (Palmeira dos Índios); 16 (Marechal Deodoro); 17 (Maceió); (iii) é majoritária no Ponto 20 – Porto Calvo; e (iv) concorre nos pontos 1 (Delmiro Gouveia); 4 (Piranhas); 6 (Traipu); 7 (Penedo), 12 (Quebrangulo); 13 (Limoeiro de Anadia), 14 (São Miguel dos Campos); 15 (Pilar); 18 (União dos Palmares); 19 (São Luís do Quitunde) e 21 (Maragogi). Quanto à variável sexo, não se observou nenhuma diferença significativa na realização de abertas e fechadas nas falas masculina e feminina.

A carta 029, sobre a vogais médias pretônicas posteriores, em resposta à questão QFF 069 – *Coração*, confirma, novamente, a preponderância da vogal aberta [ ] conforme demonstram os dados do Quadro 2 e a carta correspondente (Figura 1).

Quadro 2: Realização da vogal média pretônica posterior no item lexical *coração*.

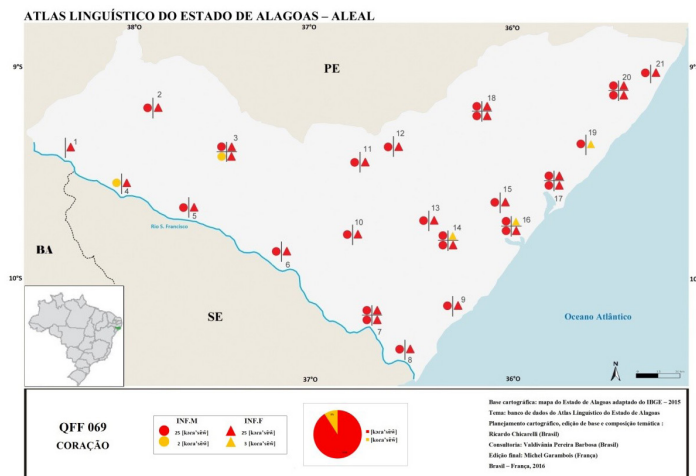
QFF 069	Coração
[ ]	[o]
c[ ]ração	c[o]ração
Total 50 respostas	Total 5 respostas

Fonte: Banco de dados constituído por Barbosa-Doiron (2017).

A Carta Linguística 29 (QFF 069- *Coração*), na Figura 1, mostra a distribuição espacial das variantes obtidas para o item *coração*. A forma aberta é hegemônica em 16 dos 21 pontos investigados. A forma fechada totaliza cinco registros, dos quais dois na fala feminina - pontos 3

e 4: Santana do Ipanema e Piranhas e três na fala masculina - pontos 14, 16 e 19 - São Miguel dos Campos, Marechal Deodoro e São Luís do Quitunde, respectivamente.

Figura 2 - Carta Linguística 29 (QFF 069- Coração),



Fonte: Banco de dados da tese de Barbosa-Doiron (2017).

Em relação ao /r/ em coda externa nos nomes, a análise dos dados do ALEAL revela que prevalece o apagamento desse fonema, seguido da realização da fricativa glotal surda [h], conforme mostra o Quadro 3, com as respostas dadas à questão 037 do QFF – Calor.

Quadro 3 - O /r/ em coda silábica externa em nome - QFF 037-calor

[0]	[h]	[r]	[rɪs]
[ka'lo]	[ka'loh]	[ka'lorɪ]	[ka'lorɪs]
36 respostas	16 respostas	1 resposta	1 resposta

Fonte: Banco de dados constituído por Barbosa-Doiron (2017)

De acordo com o Quadro 3, além do apagamento em 36 (66%) registros, a fricativa glotal ocorre na fala de 16 (30%) informantes. A paragoge (4%) ocorreu com o acréscimo da vogal alta e, em outra resposta, a paragoge da vogal /i/ seguida da fricativa alveolar.

O rótico em coda silábica externa quanto à dimensão diatópica, está assim distribuído: (i) o apagamento deu-se exclusivamente nos pontos 1 (Delmiro Gouveia); 2 (Canapi); 6 (Traipu); 7 (Penedo); 10 (Arapiraca); 12 (Quebrangulo); 17 (Maceió); 21 (Maragogi); (ii) o fenômeno é majoritário nos pontos 3 (Santana do Ipanema); 14 (São Miguel dos Campos), e 20 (Porto Calvo); e (iii) concorre com a fricativa glotal nos Pontos 4 (Piranhas); 5 (Pão de Açúcar); 8 (Piaçabuçu); 9 (Coruripe); 11 (Palmeira dos Índios); 13 (Limoeiro do Anadia), e 16 (Marechal Deodoro). A fricativa glotal, por sua vez, é exclusiva somente nos pontos 15 (Pilar); 18 (União dos Palmares) e 19 (São Luís do Quitunde).

Quanto ao uso da fricativa glotal, relativamente à dimensão diassexual, são os informantes do sexo masculino que a realizam: do total de dez falantes, sete são jovens, e três são da segunda faixa etária. Das seis mulheres que realizaram esse fenômeno, quatro são jovens. Esses dados permitem deduzir que uma mudança está em início de processo na fala alagoana.

Os casos de paragoge: [ka'loRi] e [ka'loRis] ocorreram respectivamente no Ponto 5 – Piranhas (MGI) e no Ponto 20 – Porto Calvo (MGII). Observa-se que o mesmo informante de Piranhas já havia realizado esse acréscimo em *culheri* e *mulheri*. No segundo caso, em [ka'loRis]: não é possível afirmar que a variante seja o plural *calores*, visto que o informante porto-calvense, em diversas situações, tendia a se exprimir no plural, um recurso de hipercorreção, ainda que se tratasse de uma unidade no singular: “INF. Ah, *televisôis*, né. Duma *caxa* de *papelões*. *Tisoras*. Chama *ímas*”.

Recorrendo à carta F4 C1 do ALiB (CARDOSO et al. 2014), com dados das capitais da Região Nordeste, verifica-se, na maioria dos casos, a ausência do rótico em coda externa nos nomes, alcançando, em Maceió, índices variáveis de 51% a 75%. Quando o rótico se realiza, neste contexto, a glotal é absoluta na capital alagoana.

Em relação ao /r/ em coda silábica externa, em verbos que respondem à questão do QFF 026 – *Botar* –, ocorreu o apagamento do rótico em todos os registros das três variantes coletadas – *pôr*, *botar* e *colocar* – registrados para a pergunta: “*quando a galinha canta e vai para o ninho a gente diz que ela vai fazer o quê?*”, indicando que a mudança, ou seja, o apagamento do rótico nesses três verbos no infinitivo já se consolidou na fala dos informantes do ALEAL.

Interessante observar que, dos 63 dados obtidos, a resposta *pôr* foi elicitada pela maioria (75%), ou seja, 49 falantes responderam com o verbo *pôr*; apenas 10 (16%), com o verbo *botar* e (6%) quatro, com *colocar*. Na realização do verbo *pôr*, ocorreram as formas *apô* e *pori*; este caso de paragoge ocorreu no Ponto 7 – Penedo, na fala do informante masculino, da Faixa II.

## **SOBRE AS VARIANTES LEXICAIS DO ALEAL: O CASO DO REDEMOINHO E DA LIBÉLULA**

O QSL com 199 questões coletou variantes para os referentes dos meios *físico: fenômenos naturais; biótico: fauna e flora; e antrópico: atividades de produção*. Além disso, o QSL também permitiu a documentação de relatos de tradição oral que subsistem junto aos informantes da área pesquisada. Para a tese de Barbosa-Doiron (2017), foram elaboradas 41 cartas relativas aos três meios propostos.

Sobre o primeiro tema selecionado do QSL – *fenômenos naturais* – a carta com 01 expõe a distribuição dos dados do QSL 004 – *Redemoinho* (de água) e se destaca pelo alto polimorfismo, com quase duas dezenas de variantes: *redemoinho* e *redemunho* (mais produtivas), *gedemunho*; *panela*, *bacia*, *caldeirão*, *negro d'água*, *rebojo*, *cacimba*, *remanso*, *areia gorda*, *perau*, *porão*, *vulcão*, *mareta*, *caldeirão*, *correnteza*. A essas variantes acrescentam-se os sintagmas *uma força que puxa*, *tornado na água* e *a maré puxa*.

Do elenco das respostas obtidas, destacam-se para análise o *negro d'água* e a *areia gorda*. A compreensão acerca do turbilhão que se forma no mar ou no rio devido ao cruzamento de correntes contrárias, voragem, sorvedouro, chega aos informantes de maneira vaga e isso propicia



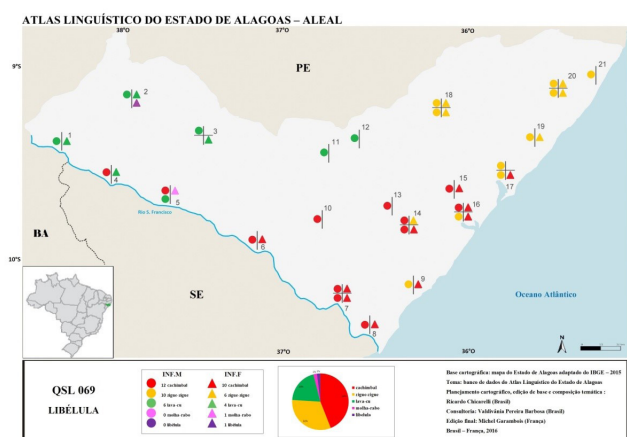
crenças em torno do fenômeno, tal qual se faz transparecer nas respostas sobre o *redemoinho de vento*.

O desconhecimento e temor se manifestam em ao menos duas designações para o evento: *areia gorda* e *negro d'água*. A primeira variante, registrada por uma informante FGI no Ponto 6 – Traipu, segundo o dicionário Aulete Digital, que traz o termo no plural – *areias gordas* – é uma forma de esconjuro: “*vai-te para as areias gordas*”. Houaiss apresenta a mesma acepção, complementando que se trata de um regionalismo brasileiro para o inferno. A informante interpreta o *redemoinho de água* como um evento que, ao tragar o indivíduo para o fundo do rio (ou do mar), conduz à morte. Por se tratar de uma força superior à humana, e por ser dotada (esta força) do poder de roubar vidas, a areia gorda agrega em si o instrumento através do qual a morte se manifesta, bem como o sítio (o inferno) onde reside o mal. Houaiss (2009) reenvia a *areia-gulosa* e *areia-engolideira*, ambas com o sentido de areia movediça e banco de areia. Infere-se da resposta da informante que o turbilhão que se forma dentro da água e que puxa a pessoa para o fundo se confunde com o leito do rio.

O *negro d'água*, segundo as tradições próprias das populações ribeirinhas do São Francisco, é uma entidade fantástica que habita numa gruta de ouro no fundo do rio, provocando pânico entre os pescadores. Também conhecido como *caboclo d'água*, teria cabeça grande, desproporcional e apenas um olho no meio da testa. Embora as embarcações quando delas se aproxima, espanta os peixes e semeia o caos nas águas do rio. Os pescadores, para aplacar os prejuízos que faz o *negro d'água*, trazem consigo fumo de corda e cachaça para oferecer ao ser sobrenatural. Pintam também estrelas no casco das canoas: do fundo do rio, o *negro d'água*, ao olhar o céu estrelado que desliza na flor d'água irá se acalmar e manterá distância.

O aspecto físico do *negro d'água* encontra paralelo com os ciclopes da mitologia grega, gigantes com um olho só no meio da testa. Quanto ao comportamento, há alguma semelhança com o *saci-pererê* do folclore brasileiro, que também espalha desordem nos campos, dentro das casas, afugenta animais e mete medo nos viajantes que circulam sozinhos durante a noite (CÂMARA CASCUDO, 1962). Entretanto, as perturbações causadas pelo *saci-pererê* são menores do que os males causados pelo *negro d'água*, este último, por agir dentro do rio, pode causar a morte.

Figura 3: Carta 63 do ALEAL referente às variantes para *libélula*.



Fonte: Banco de dados constituído por Barbosa-Doiron (2017).

Embora a forma mais produtiva – *redemoinho* e variantes fonéticas – não seja exclusiva nem da Região Nordeste nem do Estado de Alagoas, mas comum a todas as regiões brasileiras, as variantes lexicais minoritárias coletadas marcam a identidade de seus moradores pelo efeito que os nomes e os seres provocam no imaginário popular e se refletem na língua.

A segunda carta lexical do ALEAL selecionada para este estudo diz respeito às respostas dadas à questão 069, referente à *libélula*, conforme mostra a Figura 2.

A Carta 63 mostra que, das 50 respostas dadas, são preferenciais as formas: *cachimbal* com 22 (44%) registros, *zigue-zigue* com 16 (32%) e *lava-cu* com 10 (20%) registros. Com apenas uma ocorrência cada, *molha-rabo* (2%) e *libélula* (2%) foram elicitadas, exclusivamente, na fala feminina. Um aspecto que fica saliente nesta carta é a distribuição areal, dada a concentração de *cachimbal* nos pontos situados no sul e sudeste do Estado; *zigue-zigue*, no leste e noroeste e *lava-cu*, no norte e sudoeste.

No que diz respeito à designação *cachimbal*, pode-se conjecturar ao menos duas hipóteses, considerando que esse termo, não dicionarizado, poderia evocar duas palavras reunidas – cachimbo e berimbau.

A primeira das hipóteses adentra o campo anatômico: o corpo fino e comprido, a cabeça desproporcional e olhos proeminentes da libélula se assemelhariam, com base na metonímia, a um cachimbo, objeto formado por um tubo delgado que tem numa das extremidades um recipiente arredondado e oco (local onde se coloca o tabaco). Na Carta L12 do ALiB (CARDOSO *et al*, 2014), *cigarra* (provável forma feminina de cigarro), também criação metonímica, está entre as seis variantes mais produtivas nas capitais, registradas em Porto Alegre, São Paulo, Macapá, Belém e Vitória. Nos dados inéditos do ALiB, relativos à fala do interior, *cigarra* é altamente produtiva no Rio Grande do Sul, seguida por ocorrências em Santa Catarina, Amazonas e Pernambuco. Outra forma para designar a *libélula*, fruto de processo metonímico, é *pito*, frequente no interior de São Paulo. Ao comparar essa ocorrência com os dados das capitais registrados no ALiB (CARDOSO *et al*, 2014), verifica-se que, além de Maceió, essa variante lexical é comum em Aracaju, ambas situadas na Região Nordeste do Brasil.

A segunda hipótese para a origem da denominação *cachimbal* seria a de buscar alguma semelhança entre o corpo da *libélula* e a estrutura do *berimbau*, construído a partir de um arco fino e longo de madeira, e retesado por um fio de arame e uma meia cabaça na extremidade. Enveredando-se pelo âmbito acústico, ou seja, pelo som que o inseto emite durante o voo, vibrante e ressonante, seria possível associar o barulho da *libélula*, durante o voo, ao do instrumento musical citado.

No ALEAL, a segunda variante mais frequente, a onomatopaica *zigue-zigue*, também é bastante produtiva nas capitais nordestinas investigadas pelo ALiB (CARDOSO *et al*, 2014), pois, de acordo com a Carta L12b, ocorre em Natal, João Pessoa, Recife e Aracaju, além de Maceió. Quanto a *lava-cu*, foi registrada pelo ALiB na fala da maioria dos informantes de Aracaju.

Buscando os dados do Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013), verifica-se, na Carta 24 – Libélula, a ocorrência de cinco variantes para designar esse inseto, em ordem decrescente de frequência: *zigue-zigue* (12 ocorrências), *cabra-cega* (dez), *lava-cu* (nove), *lava-bunda* (sete) e *libélula*

(quatro), confirmando a distribuição de variantes que podem ser consideradas regionalismos do Nordeste - *zigue-zigue, lava-bunda, lava-cu e cachimbal*.

## **SOBRE AS VARIANTES MORFOSSINTÁTICAS DO ALEAL**

O QMS, composto por questões relativas às realizações sintáticas e morfológicas acerca de determinados fenômenos linguísticos, possibilitou a elaboração de sete cartas. Para este estudo, foram selecionadas duas delas: o *verbo ouvir na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo* e o *uso variável do futuro do pretérito do indicativo*.

A Carta Linguística 42, referente à pergunta 024 do QMS – que concerne ao verbo *ouvir na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo* e assim formulada: *o(a) senhor(a) ouve rádio?*, é bastante reveladora por demonstrar as estratégias dos informantes frente a questões em que não se sentem seguros das respostas. O expediente mais utilizado por eles (não apenas na questão citada) foi a omissão e a consequente substituição do que se pede por algo que lhes pareça equivalente. É provável que, por isso, a Carta 42 traga um alto índice de não-respostas, mostrando que 33 (59%) informantes lançaram mão de vários artifícios para evitar as formas *ouvo* e *ouço*: omitindo o verbo e preenchendo apenas com advérbios ou locuções adverbiais (*raramente, às vezes, com certeza, muito difícil, alguma vez*), ou respondendo com o verbo regular *escutar* (20%). Dentre as 23 (41%) respostas úteis, isto é, com o verbo irregular *ouvir*, os dados mostram 16 (28%) realizações para *ouço*, seis (11%) para *ouvo* e uma (2%) para *oiço*. As não respostas foram documentadas, pelo menos uma vez, em cada um dos pontos da rede, com exceção apenas do Ponto 13 – Pilar em que os dois informantes realizaram *ouço*, sendo a única localidade em que a variante padrão é exclusiva.

Quanto à distribuição diatópica, diagenérica e diassexual, a primeira pessoa do verbo *ouvir*, conjugada de acordo com a norma padrão – *ouço* – foi registrada nos pontos 3 – Santana do Ipanema (MGI, FGI); 6 – Traipu (MGI); 7 – Penedo (MGI, MGII), 8 – Piaçabuçu (MGI); 12 – Quebrangulo (FGI); 13 – Limoeiro de Anadia (MGI, FGI); 14 (São Miguel dos Campos (FGII)); 16 – Marechal Deodoro (MGI, FGI); 17 – Maceió (MGI); 18 – União dos Palmares (MGI, FGI); 19 – São Luís do Quitunde (FGI), observando-se que nove homens e sete mulheres elicitaram a variante culta, indicando que, quanto à variação diassexual, há um relativo equilíbrio na preferência da forma indicada pela Gramática Normativa. Nas sete localidades em que se inquiriram informantes das duas faixas etárias, verifica-se que, majoritariamente, são os jovens os mantenedores da forma padrão.

A realização verbal *ouvo*, com seis ocorrências, foi mencionada por informantes dos pontos 3 – Santana do Ipanema (FGII); 6 – Traipu (FGI); 12 – Quebrangulo (MGI); e 20 – Porto Calvo (MGI, FGI, MGII), apontando que a forma popular é comum a ambos os sexos. A forma *oiço* foi registrada por uma informante do sexo feminino, da Faixa II.

A Carta Linguística 43, sobre os dados para a QMS 027 – *Futuro do Pretérito do Indicativo - o que o(a) senhor(a) faria se ganhasse na loteria?*, ocorreram apenas nove respostas com esta forma verbal, indicando uma forte tendência de substituição desse tempo verbal por duas outras: o *Pretérito Imperfeito do Indicativo* e a locução formada por este tempo verbal mais o verbo no infinitivo,

conforme se observa nos seguintes excertos:

Ponto 1 – Delmiro Gouveia (MGI): “*ia ajeitar* minha casa”.

Ponto 3 – Santana do Ipanema (FGI): “eu *ajudava* muitos pobres”.

Ponto 5 – Pão de Açúcar (FGI): “eu *tirava* o dinheiro do dízimo”.

Ponto 15 – Pilar (MGI): “eu *sumia*”.

Ponto 16 – Marechal Deodoro (FGI): “eu *ia* embora daqui”.

Ponto 21 – Maragogi (FGI): “eu *mudava* minha vida”.

As nove respostas com o *Futuro do Pretérito do Indicativo* estão assim distribuídas: Ponto 1 – Delmiro Gouveia (FGI), Ponto 2 – Canapi (FGI), Ponto 4 – Piranhas (MGI), Ponto 7 – Penedo (MGII), Ponto 8 – Piaçabuçu (FGI), Ponto 11 – Palmeira dos Índios (MGI), Ponto 16 – Marechal Deodoro (MGI), Ponto 17 – Maceió (MGII), 19 (FGI), apontando, novamente, para o equilíbrio da variante padrão na fala de ambos os sexos e a sua predominância na fala dos mais jovens.

## **OBSERVAÇÕES SOBRE AS RESPOSTAS DADAS ÀS PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS DO ALEAL**

Propostas seis questões metalinguísticas, a Questão 5 indaga sobre a existência de falares diferentes em outras localidades do Brasil e qual seria o mais bonito dentre eles. Os dados indicam que a maioria demonstrou perceber as diferenças, sobretudo nos falares carioca, mineiro, paulistano, baiano e gaúcho. As apreciações mais recorrentes para qualificar esses dialetos foram: o falar *arrastado* do /r/ e do /s/ do carioca e seu falar *correto*; o falar *mansinho* do mineiro; o *invocado* e *rápido* do paulistano; a maneira *preguiçosa*, *gingada* e *cantada* do baiano, ressaltando que a diferença está no *sotaque* de cada um. Muitos informantes consideram o falar do Sul o mais bonito, podendo se subentender como *falar do Sul*, tanto o paulistano, como o gaúcho. Também foram observadas manifestações de valorização do falar nordestino, em especial o alagoano. Não passou despercebido aos informantes o fato de a inquiridora proceder do Sul do País, reconhecendo a sua fala diferente pela presença do [ɾ] retroflexo.

Os excertos seguintes ilustram a percepção e a reação de alagoanos diante de falares diferentes:

(1) INF.- Às vezes, acho que falamos grego, porque cada um, num estado, fala um pouco diferente, arrasta um pouquinho, aí, eu digo que a gente fala grego. Eu acho que devia todos nós falá igual, como não falamos, fala grego (HGI – Ponto 5 - Pão de Açúcar).

(2) INF.- Fala. Todo mundo fala diferente. Eu passei oito meses em São Paulo. Pessoal me chamava de baiana, não sou baiana, sou alagoana. Falam (os baianos) tudo arrastando, tem preguiça até de falar.

INQ.- Você acha que existe diferença entre o falar alagoano e o falar baiano?

INF.- Ah, tem. (...) Não sei por que, mas tem diferença. (...) O baiano fala muito arrastado (FGI - Ponto 8 – Piaçabuçu).

(3) INF.- Fala diferente.

INQ.- Diga-me um exemplo.

INF.- Porta [ˈp htɐ], porta [ˈp ʁtɐ].

INQ.- Você acha esquisito eu falando porta [ˈp ʁtɐ]?

INF.- Um pouco, por causa do costume.

INQ.- Você diria que eu sou daqui de Pilar?

INF.- Não.

INQ.- Por quê?

INF.- (risos) (FGI - Ponto 15 - Pilar)

(4) INF. -Onde eu acho mais bonito? Porque eu sou daqui, é aqui mesmo, a gente se conforta mais, pronto, quando a gente chega lá e vê aquelas pessoas falando, chiando (imita), aqueles negócio, aquele palavreado bem bonito, a gente fica... se falam no mesmo tom que a gente, a gente se anima... (...) É por isso que eu sou mais meu Nordeste, meu Alagoas (MGI – Ponto 7 – Penedo).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se procurou demonstrar neste trabalho, o ALEAL comporta dados que caminham na direção da pertinência da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), ao inserir Alagoas no subfalar nordestino. O fato linguístico tratado pelo autor como traço dialetal – o predomínio das *vogais médias pretônicas abertas*, foi atestado nos registros de [tEIEviʔz(E)w]), [tEleviʔz(E)w)] e [k ras(E)w)] distribuídos pelos 21 pontos investigados em Alagoas.

Além dessa constatação, outros elementos linguísticos expostos no ALEAL podem ser apontados como traços dessa divisão dialetal:

- i) Os resultados para o /r/ em *coda externa* em nomes e verbos indicam a prevalência do cancelamento ou apagamento do rótico e, quando presente, o rótico predominante é o fricativo glotal [h]. Ambos os resultados convergem com os registrados pelo ALiB, nas demais capitais nordestinas.
- ii) A elevada produtividade do verbo *pôr* (ovo), na QFF 026, quando o esperado era registrar as variantes fonéticas do /r/ em coda externa para o verbo *botar*, indica a preferência regional por aquele item lexical e não por este. Este fato não invalidou a análise referente à presença/ausência do rótico nesse contexto.
- iii) As cartas lexicais com as variantes populares coletadas: *cachimbal*, *zigue-zigue* e *lava-cu* para *libélula* (QSL 069) mostram a predominância de variantes regionais que se concentram, ora na área alagoana, ora se distribuem pela área nordestina. Quanto às variantes para o *redemoinho* na água, que apontaram, majoritariamente, para as variantes fonéticas deste item lexical, as demais formas coletadas, embora minoritárias, trouxeram à luz crenças do imaginário popular regional e local.

Sobre os casos de variação morfossintática analisados, os resultados parecem ser comuns ao português oral do Brasil, como o predomínio da forma padrão *ouço* para a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *ouvir*. Esta prevalência, porém, é relativa uma vez que a maioria se absteve de empregar este verbo, substituindo-o por *escutar/escuto*, ou mesmo omitindo o verbo. Sobre o uso do futuro do pretérito, observa-se a sua gradativa substituição pelo pretérito imperfeito

do indicativo ou pela locução formada por este tempo seguido da forma infinitiva, em especial na fala dos mais jovens.

Quanto às Perguntas Metalinguísticas analisadas verifica-se que os falantes têm consciência ou percepção da existência de outras variedades em locais distintos daquele que habitam, sendo capazes de adjetivá-las, quase sempre de forma positiva, fazendo prevalecer o componente afetivo.

Acerca da dimensão diasssexual, não se observam grandes diferenças entre a fala do homem e da mulher, havendo um relativo equilíbrio na maioria dos dados do *corpus*. Em alguns casos, a fala feminina apresenta-se como mais contida e conservadora do que a masculina.

A dimensão geracional, observada em sete localidades de Alagoas onde se inquiriram informantes de duas faixas etárias, parece influir na preservação da forma padrão entre os mais jovens e a preferência por formas populares e até arcaicas entre os falantes da Faixa II.

Assim, o ALEAL, levado a efeito por uma única pesquisadora, embora tenha suas limitações como todo trabalho humano, pode oferecer um *corpus* robusto para pesquisas orientadas por diferentes perspectivas teóricas, como a lexicográfica, a semântica, a pedagógica, a dialetológica, a sociolinguística, entre outras.

Em suma, é possível asseverar que, mesmo com os significativos avanços observados desde a proposição de Nascentes e seus contemporâneos, a consecução de atlas linguísticos, do porte do ALEAL, continua dificultosa, sendo necessários recursos materiais e financeiros, dedicação e tempo. Além disso, é notório que a Geolinguística ainda não ocupa o merecido lugar de destaque nos diversos cursos de Letras em nosso país. Acredita-se que seu reconhecimento pela academia poderia em muito facilitar a vida do dialetólogo.

Observando a realidade acadêmica brasileira, voltando os olhos para a caminhada empreendida na construção do ALEAL e guardadas as devidas proporções, são oportunas as reflexões de Dauzat (1922, p. 14-15):

En résumé, et toutes réserves faites, les défauts de l'Atlas [ALF] sont peu de chose par rapport aux services inappréciables qu'il nous rend, et ils tiennent à la nature même et à l'étendue de l'œuvre. Il était difficile de faire mieux, à moins qu'un linguiste pût consacrer quinze ou vingt ans de sa vie à effectuer l'enquête [...] à passer huit ou dix jours dans chaque localité pour en étudier le patois, entreprise qui dépasse les possibilités humaines qui même n'eût pas été suffisante, car il faut au moins plusieurs mois pour s'assimiler scientifiquement un langage : un tel travail n'est possible que pour des recherches géographiquement très restreintes.<sup>1</sup>

---

1. Em resumo, e feitas todas as reservas, os defeitos do Atlas [o autor refere-se ao ALF] são coisa pouca em relação aos serviços inestimáveis que ele nos rende, e esses têm a mesma natureza e a mesma extensão da obra. Seria difícil fazer melhor, ao menos que um linguista pudesse consagrar quinze ou vinte anos de sua vida na realização das enquetes [...], a passar oito ou dez dias em cada localidade para estudar o dialeto, empreitada que ultrapassa as possibilidades humanas, e mesmo assim não seria suficiente, pois são necessários ao menos vários meses para assimilar pesquisas geograficamente tão restritas (Tradução de Barbosa-Doiron).

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Palmeira Bezerra de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. 2 v. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BARBOSA DOIRON, Maranhúbia Pereira. *A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Lingüístico do Estado de Alagoas (ALEAL)*. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Departamento de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Brasil, e Université Grenoble Alpes, França, 2017.

BESSA, José Rogério Fontenele. *Atlas lingüístico do Estado do Ceará*. vol. 1 Introdução. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; RAZKY, Abdelhak; MARGOTTI, Felício Wessling. *Atlas lingüístico do Brasil: cartas lingüísticas 1*, vol. 2. Londrina: Eduel, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: Eduel, 2001.

DAUZAT, Albert. *La géographie linguistique*. Paris: Ernest Flammarion, 1922.

FERREIRA, Carlota da Silveira; MOTA, Jacyra Andrade; FREITAS, Judith Mendes de Aguiar; ANDRADE, Nadja Maia Cruz de; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; ROLLEMBERG, Vera Lúcia Sampaio; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].

NEGRO D'AGUA - *Lendas e Mitos*. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/negro>. Acesso em: 02 fev. 2021.

PEREIRA, Maria das Neves. *Atlas geolingüístico do litoral potiguar*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 2v. Vol I: 123p. mimeo. Vol II 189p. mimeo. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas, 2007. RAMOS, Conceição de Maria (coord.) *Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão - ALIMA*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Letras (em andamento).

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963. SÁ, Edmilson José de. *Atlas lingüístico de Pernambuco*. 2013. 2 v. vol. 1: 249 p. e vol. 2: 293 p. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANCHES, Romário Duarte; RIBEIRO, Celeste. Variação lexical para libélula no Atlas Lingüístico

do Amapá. *Web-Revista Sociodialeto*. vol. 4, nº 1, nov. 2013, p. 435-449.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle. In. ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; van RAEMDONCK, Dan (Orgs.). *Actes do XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998.

THUN, Harald; ELIZAICÍN, Adolfo. *El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Fasc. A. 1. Kiel: Westensee, 2000.

### **Vanderci de Andrade Aguilera**

---

Doutorado em Filologia e Linguística (1990), na UNESP-Assis e pós-doutorado na Universidad de Alcalá de Henares-Espanha (2007). Professora sênior da Universidade Estadual de Londrina, onde atua desde 1982. Suas pesquisas concentram-se nas subáreas Sociolinguística e Dialetoлогия, e Linguística Histórica. Integrante do projeto Atlas Linguístico do Brasil, do qual é uma das Diretoras Científicas, e do PHPB, coordenando o Léxico Histórico do Português Brasileiro.  
vanderci@uel.br

### **Maranúbia Pereira Barbosa Doiron**

---

Possui dupla titulação de doutorado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2017), e em Sciences du Langage pela Université Grenoble Alpes (UGA, 2017), França. Foi bolsista da CAPES durante o doutorado. Desde 2019, é professora colaboradora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava-PR. Ministra língua francesa no projeto de extensão PROMUL (Programa Multicultural de Línguas), ligado ao Departamento de Letras (DELET).  
maranubia@unicentro.br

*Recebido em 05/02/2021.*

*Aceito em 05/03/2021.*